

MARCOS SÁ

HUGHES

CONTOS DE UM LUGAR IMAGINÁRIO

Copyright 2009 © by Marcos Sá
Todos os direitos reservados.

www.marcossa.net
www.marcosmsa.blogspot.com
marcosdorian@gmail.com

Revisão

Lídia Dourado

Projeto Gráfico

Monique Pestana

2009

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.

Sumário

07	Conhecendo Hughes
----	-------------------

Contos

09	O Escolhido
19	Cartas Àqueles Que Não Me Conhecem
23	Despedida no Lago
47	O Sonho do Fuzileiro
51	Medo em Bestonvilla
71	A Babá
93	Melen
105	A Maleta
127	O que há com Mary?
151	A Hisória do Suicídio
185	Agradecimentos

“Minha mãe me disse, há tempo atrás, onde você for Deus vai atrás... Deus tá vendo tudo que cê faz, mas eu não via Deus, achava assombração... Eu tinha medo.”

Raul Seixas

“Toda obra deixa de ser do autor quando este põe o ponto final”

Marcos Sá

Conhecendo Hughes

Nada como imaginar um lugar perfeito para morar. Porém, este não é o caso. Hughes é um país que está longe de ser perfeito. Muito pelo contrário... Os moradores deste imaginário país dizem que são perseguidos por Deus, pois não conseguem manter a paz (seja ela física ou psicológica) por muito tempo.

O país está situado numa ilha perto da Europa. Não podemos dizer que é um país europeu, ou que é um país americano, pois a sua cultura, língua e localidade não nos trazem esta exatidão. Hughes é formado por uma política republicana e contém pouco mais que duzentos mil habitantes.

Foi colonizado, disfarçadamente, por povos portugueses, espanhóis e ingleses, que destronaram a dinastia celta que imperou durante milênios. Os Hughianos (povo que nasce em Hughes) costumam trazer uma mistura cultural no que diz respeito a alimentação, vestimenta, música, literatura e comportamento religioso. A maioria dos moradores é de católicos e poucos são protestantes.

Hughes fica, geograficamente, em cima da fantástica entrada para a extinta Atlântida. Muitas desonras cristãs invadiram a história do país, o que fez com que muitos hughianos pensassem que tudo o que lhes acontecia fosse um castigo de Deus.

O país não tem uma capital exata, por ser muito pequeno, e por não costumar desenvolver muitas disputas políticas. Hoje, o país vive em uma desordenada colonização inglesa e portuguesa que acabam por destruir o pouco de tributos proveitosos que restam à nação.

Vastos campos, um inverno impiedoso e praias desertas compõem a situação física do país que mantém a tradição dos países do norte do globo. Os cidadãos, que nasceram lá, não costumam ser muito hospitaleiros em relação aos visitantes que costumam aparecer para averiguar as belezas naturais existentes.

Os pontos turísticos que se pode conhecer em Hughes são, exatamente, as catedráticas destruições causadas pelas chacinas católicas que percorreram o mundo e que se fincaram nas cidades litorâneas e abstratas de Hughes.

Para conhecer melhor a cidade... Leia os contos de logo mais e tenha cuidado, pois, o país carimba o seu passaporte de entrada, mas, nem sempre, libera a sua passagem de volta.

O Escolhido

Eduardo estava vendo sua mulher pela janela andando em direção ao carro. Ela parou, antes de entrar, ficou olhando para a janela em que estava o seu marido, despediu-se de longe e entrou no carro. Eduardo ficou observando ela sair. Deitou na cama e ficou esperando a hora de poder ir resolver umas coisas. Estava deitado quando viu um vulto correndo em direção ao quarto do Rafael, seu filho. Levantou num só impulso e fora ver o que estava acontecendo, que não era a primeira vez. Ao chegar na porta do quarto, foi-se rastejando pela parede, tinha medo do que poderia encontrar. Ficou olhando, ainda escondido, mas não conseguia ver nada. Decidiu entrar no quarto, para verificar. Adentrou um pouco mais e viu que a janela do quarto estava aberta, mas as grades não deixariam nada passar. Virou-se para a porta, mas foi justamente nesse instante que viu uma coisa amedrontadora, soltou um grito e acabou desmaiando.

Algumas horas depois.

Eduardo tinha ido ao escritório de um antigo amigo da família, que vivia um pouco afastado, ele era psiquiatra.

- Poderia contar-me sua história?
- Bom, doutor eu tenho um filho de oito anos, quando ele tinha cinco ele falava umas coisas estranhas comigo...
- O que por exemplo?
- Bom, quando ele completou cinco anos ele começou a ter visões de coisas muito estranhas, várias vezes quando eu o colocava para dormir ele perguntava o que eram todas aquelas marcas desenhadas em vermelho no quarto dele, mas não havia nada. Seu quarto era claro, as paredes pintadas de branco, nada que lhe oferecesse um ambiente sujo ou pesado, nada que lhe causasse medo. Tudo bem que era um quarto grande para apenas um garoto, mas mesmo assim nunca tinha visto nada demais.
- A imaginação de crianças é incrível, mais alguma coisa?
- Sim, uma vez, em um parque de diversões, ele estava no carrossel e disse que queria descer porque não queria ficar perto daquelas crianças.
- E você o tirou do brinquedo?
- Não...
- E por que?
- Porque não havia nenhuma outra criança no carrossel, só eu e ele.

Quando eu disse que não tinha ninguém ele se abraçou em mim com força e disse que queria sair e quando tentei dizer mais uma vez que não havia ninguém ele começou a chorar e gritar e tivemos que sair do parque de diversões.

- Interessante... Prossiga...

- Uma vez chegamos em casa de um passeio e ele foi para o quarto e ouvi um sorriso ofegante de satisfação e logo depois o ouvi gritando “Papai, obrigado pelo coelho gigante”. Eu perguntei à mãe dele quando ela tinha comprado o tal coelho e fiquei surpreso quando ela disse que não havia comprado nada. Logo depois ouvi um grito de horror do meu filho e ele veio correndo em nossa direção, fui ao quarto e não havia nada lá. Segundo ele o coelho estava todo sujo de sangue...

- E quando você quer marcar a consulta para o seu filho?

- Não doutor, você não entendeu. Não é uma consulta pra ele, é pra mim.

- Como assim? Não é ele que vê essas coisas?

- Sim! antes era ele... Agora sou eu que as vejo – sussurrou.

- Muito bem Eduardo, então me conte sobre as suas alucinações...

- Como eu falei, meu filho tinha visões, mas o tempo passou e ele não falou mais nisso, acho que até esqueceu, eu também nem pensava mais nisso, pois achava que era simplesmente uma coisa de criança.

- No entanto voltou a pensar...

- Sim, fui obrigado a voltar quando comecei a eu mesmo vê-las.

- E quando que isso começou?

- Há uma semana atrás... Eu estava dormindo com minha mulher e de repente acordei, fui à cozinha beber água e ao passar pela sala, que sempre dormia na penumbra, notei que havia algo estranho em frente à casa, umas luzes estavam acesas, via umas sombras, me aproximei da janela para ver o que era e fiquei surpreso ao ver várias pessoas com mantos negros ajoelhadas.

- Quantas pessoas aproximadamente?

- Pelo menos trinta.

- Prossiga.

- Naturalmente me surpreendi com tanta gente estranha, de repente todos se levantaram e eu me abaixei rapidamente para não me verem. Fui então para a cozinha pensando que só deveriam ser mais alguns adolescentes vândalos. Tentei ligar para a polícia, mas eles não me atenderam, como sempre, pareciam ocupados demais. Não podia simplesmente voltar

para a cama e esquecer de tudo. Fiquei pensando o que eu poderia fazer. Corri para a sala novamente e quando lá cheguei, ninguém estava mais na porta da casa.

- E por que você acha que essas pessoas eram alucinações?

- Então, até aí não tinha nada demais e eu não pensava que eram alucinações, mas no dia seguinte eu vi pessoas com mantos por toda parte como se me seguissem, e quando eu cheguei em casa às sete da noite é que começou a acontecer coisas realmente estranhas. Não havia ninguém em casa, fechei a porta e entrei, meu coração disparou quando liguei a luz e vi no meio da sala um coelho de pelúcia de uns dois metros de altura de costas pra mim virado para a mesinha onde fica o telefone. Eu inicialmente fiquei paralisado pensando como é que aquilo fora parar ali, minha mulher não compraria aquela coisa... Então me veio a lembrança do ocorrido há uns dois anos antes, meu filho viu um coelho de pelúcia enorme no quarto dele. O silêncio da sala foi quebrado pelo telefone que de repente começou a bipar, avisando que eu tinha uma nova mensagem...

- E você atendeu ao telefone?

- Na hora eu estava bastante perturbado, mas comecei a pensar comigo mesmo que não era nada demais, só um coelho de pelúcia, o que poderia acontecer? Comecei a andar em direção ao coelho, ele vestia um macacão azul igualzinho a um que eu tinha dado a meu filho um ano antes... Peguei o telefone e o olhei agora de frente, fiquei surpreso ao ver que ele estava manchado de sangue. Ouvi a mensagem do telefone e era a minha mulher, Mara, dizendo que estava com meu filho, Rafael, na escola e queria que eu os fosse buscar no shopping, de repente o coelho se virou e andou em direção ao corredor que leva aos fundos da casa, eu deixei o telefone cair e dei um grito. Ele sumiu na escuridão do corredor, peguei o telefone no chão, mas o telefone já estava mudo, fui até o corredor e vi o coelho entrando no quarto do meu filho. Peguei um taco e segurei firme, entrei no quarto e liguei a luz, havia símbolos vermelhos espalhados pelo chão, parede e teto do quarto, pareciam frescos.

- Que símbolos?

- Eram círculos com uns desenhos estranhos dentro.

- E o coelho estava lá?

- Não, eu olhei em todos os cantos do quarto e não o achei, deduzi então que não estava lá, uma vez que um quarto de criança é pequeno e um coelho de dois metros seria muito notável. Quando me virei para sair do quarto o vi parado na porta me olhando e soltei um grito de susto, per-

guntei quem ele era mas não respondeu nada, ele então esticou o braço e abriu a mão, continuei perguntando por um tempo quem era mas não obtive resposta, então resolvi me aproximar.

- Não teve medo?

- É óbvio que sim, mas eu não podia fazer mais nada, ele estava na porta, sendo essa a única saída, óbvia, já que as janelas tinham grades, e além do mais eu estava empunhando um taco, quando me aproximei e notei que na mão dele havia uma chave. Questionei mais algumas vezes quem era, porém ele não parecia nem respirar, estava completamente imóvel. Peguei a chave e imediatamente ele se virou caminhando pelo corredor. Eu saltei pra trás e olhei desconfiado, logo depois examinei a chave e o segui, porém não o achei mais em local algum da casa, eu chamei a policia e não havia sinal de arrombamento, os símbolos do quarto haviam sumido.

- E desse dia em diante viu esse coelho mais alguma vez?

- Sim!

- Qual a ultima vez que o viu?

- Bom... Nesse momento ele está atrás de você...

- Veja senhor Eduardo Amaro, não há nada aqui... Nós dois sabemos que esse coelho não existe.

- É, eu sei que você não pode enxergar, afinal você não é um dos escolhidos.

- Escolhidos?

- Sim, a cidade escolhe algumas pessoas...

- Não estou compreendendo, explique melhor...

- Em uma das noites que acordei tendo essas visões, tive a pior delas... Eu estava na cama e comecei a ouvir um som estranho, abri os olhos e percebi imediatamente que eu não estava deitado em minha cama, senti-me um pouco dopado, meu corpo formigava, isso nunca tinha acontecido comigo antes, foi uma experiência única. Encontrava-me em um local escuro, parecia ser um grande quarto, mas sem portas e janelas. O chão era feito de grades enferrujadas e era tão escuro que não dava pra ver o fundo, havia sangue em alguns locais, o cheiro era horrível. Comecei a ouvir o som de um bebê chorando. Vinha de um canto do quarto, eu me aproximei e vi que ali havia um berço balançando, continuei me aproximando desconfiado e sentindo muito medo foi então que vi o que estava sentado atrás do berço... Parecia uma pessoa, mas tinha a cabeça de um bode com chifres enormes pra cima, e asas negras de mais ou menos um

metro. Eu gritei e me virei imediatamente pro lado oposto e corri procurando por uma saída, mas não havia nenhuma... Fui para o lado oposto do monstro e comecei a gritar rezando para que aquele sonho ruim acabasse, mas não acabou porque não era um sonho ruim...

- Então como saiu dessa situação?

- Eu gritei tanto que senti minha garganta doer. Olhava para a besta e ela ainda estava lá parada me olhando, o choro do bebê ficava mais alto e insuportável a cada instante. Não sei quanto tempo fiquei gritando e o olhando na esperança de que ele sumisse, não havia nada que eu pudesse fazer, às vezes eu levantava e corria procurando uma saída como se fosse surgir uma, fiquei horas assim, talvez até um dia inteiro, até que eu percebi aquela coisa não me atacava, apenas olhava... Criei coragem e me aproximei do berço...

Os olhos daquela besta ficavam fixos em mim, eu tremia de medo, olhei para dentro do berço e vi que não havia nada, apenas um papel cuidadosamente dobrado como as cartas que o meu filho me dava quando criança... Eu enfiei a mão pegando rapidamente e me afastei do berço, ao abrir eu vi que era a letra do Rafael quando era mais jovem, uma letra descuidada de criança dizia:

“Até onde o amor pode levar uma pessoa? Espero você na cidade dos meus sonhos...”

- Nesse momento acordei em minha cama dando um grito e minha mulher acordou assustada perguntando o que tinha acontecido. Eu corri para o quarto do meu filho e não o achei, ele havia sumido, me desesperei e naquela mesma noite eu parti para a cidade que ele sempre sonhava quando era criança.

- E qual era?

- Hughes

- Nunca ouvi falar... Onde fica?

- Eu também pensei que ela não existia, mas o coelho me guiou até a cidade.

O Psiquiatra olha no relógio e fala:

- Bom, nossa sessão por hoje acabou, na próxima você me contará

mais sobre a tal cidade, recomendo que tire uma folga do trabalho e procure relaxar com a família.

- Ok...

Eduardo levanta e vai embora sem dizer nada, ele não acha que um psiquiatra vai realmente fazer ele voltar ao normal, não depois de tudo que ele passou. Mas apesar de tudo ele sente-se feliz por ter sua mulher e seu filho... Eduardo dirige até a sua casa e quando entra vê sua mulher sentada no sofá, ela chora. Quando ela percebe que ele entrou em casa, ela levanta, repentinamente e fica parada olhando para ele.

Eduardo percebeu que alguma coisa estava estranha, pois quando olha ao lado, vê as malas da sua mulher, ela parecia ter chegado de viagem. Sem compreender, ele acompanha sua esposa até o sofá e corre até as malas. Quando as abre, vê que está completamente cheia das roupas de Mara. Volta até ela e começa a questionar.

- O que está havendo? O que são todas essas malas?

- Como assim? – retruca a esposa.

- Aonde você vai? – ele pergunta a ela sem entender.

- Você está ficando pior. Eu sugiro que você procure ajuda.

- Do que você está falando?

- Você está ficando louco. Eu estou indo embora, como havia dito mais cedo, estou indo para a casa da minha mãe.

- Por que? O que houve? Onde está o Rafael? – ele ainda não compreendia.

- Por que? Por que você está fazendo isso comigo? – ela estava chorando muito. Parecia desesperada.

- O que estou fazendo? Eu não estou entendendo. – ele a puxara para que sentasse ao sofá.

- Acredite em mim, você precisa de ajuda. Você não entende o que está acontecendo.

- Mas o que está acontecendo?

- Você apagou tudo da sua memória. Há dois dias que vivemos como loucos, é só tristeza. Você não tem mais noção de tempo, espaço. Você está ficando louco. Não pode fazer isso comigo, ele também era meu filho. – ela estava gritando.

- Do que você está falando? Você que está ficando louca.

- NÃO! Desde que o Rafael morreu você está agindo feito um lunáti-

co. Você não quis entrar no quarto dele, você ficava conversando com ele. Você comprou quilos e quilos de comida para coelho. Por que? Nós nem temos um. – ela estava chorando muito.

- O que você quer dizer com “desde que o Rafael morreu”? – ele não estava compreendendo.

Mara empurrou o marido e foi até a sala, demorou um pouco, Eduardo fora atrás dela, sem saber o que fazer, estava achando que a mulher estava louca. Mara estava descendo as escadas da sala com um papel nas mãos, Eduardo, de longe, sabia que aquilo era um jornal.

- Leia. Vamos, leia! – Mara gritava e entregava o jornal nas mãos de Eduardo, que se negava a ler. – Do que você tem tanto medo. VAMOS, LEIA!

Mara jogou o jornal em cima dele, que pegou após ter caído no chão.

Eduardo estava lendo a reportagem cuja foto tinha um carro totalmente coberto de sangue e um corpo de uma criança caído ao lado. Na mesma hora, Eduardo reconheceu o corpo do filho. As lágrimas caíam no seu rosto incontrolavelmente, ele não sabia o que fazer. Toda a realidade viera à tona, as cenas que havia vivido vieram de uma só vez em sua memória. Seu filho estava enterrado no cemitério da família. Estava agora recordando do dia do enterro, que ele não tinha ficado até o final, após dois dias tomando remédio, começou a apagar da lembrança esse fato e continuou vivendo, como se nada tivesse acontecido.

- E agora, está satisfeito? Você matou o nosso filho. – ela estava gritando o marido.

- O que eu fiz? – ele estava sentado no chão, chorando, com as folhas do jornal em suas mãos. Estava lembrando de tudo que tinha acontecido.

Há dois dias atrás, Mara tinha ido buscar Rafael no colégio e o tinha levado para o shopping, tinham perdido o horário e já era tarde para que viessem sozinhos para casa. Mara faz uma ligação e deixara na secretária eletrônica uma mensagem pedindo que o marido fosse buscá-los, mas Eduardo estava ocupado demais transando com a sua vizinha e não deu ouvidos à mensagem que ouvira. Logo depois, os policiais estavam à porta da sua casa, comunicando-o de que sua esposa e seu filho tinham sofrido um

acidente e que precisava urgentemente comparecer ao hospital. Eduardo com toda a culpa do mundo, saiu pela rua e vai para um bar, onde termina a noite toda bebendo e vai dormir na casa de uma amiga. Seu filho, Rafael, morre no hospital.

Quando Eduardo acorda no outro dia, descobre que seu filho morreu. Após organizar tudo sobre o velório, ele vai embora e se tranca em seu quarto, sem querer saber, ou ver ninguém e começa a se automedicar e começa a ter alucinações. Mara chega em casa e tenta ajudar o marido a entender, mas depois de um surto, ele começa a evitar a conversa e a viver do mesmo jeito que vivia antes, como se nada tivesse acontecido e seu filho simplesmente estivesse na escola, e o dia da morte do seu filho se repetia todos os dias até a hora em que ele morria, pois era aí que ele inventava um final diferente a cada dia.

Sua esposa tinha saído para morar com a sua mãe, estava pedindo o divórcio.

- Mas a mensagem... – ele apontava para o telefone.

- A maldita mensagem, ficara gravada, pois você sequer atendera. – disse Mara.

- Ela ainda está lá. Meu filho está vivo? – ele perguntou ainda chorando.

- Só nos seus sonhos. Eu estou indo embora.

Mara pega sua mala, sai de casa, entra no carro do seu pai e segue em frente.

Do lado de fora da casa, os vizinhos escutaram o barulho dos tiros dentro da casa dos Amaro...

Dois meses depois, após uma conversa extensa com o psiquiatra que havia tratado o homem, a sua família tinha ido visitá-lo no sanatório. Os médicos não conseguiam explicar o que tinha lhe ocorrido, já o tinham deixado a margem de vários exames, mas ainda não tinham identificado nada.

Sua mulher e sua irmã mais velha estavam no quarto esperando que falasse alguma coisa. Passaram alguns minutos e ele continuava de olhos fechados. Quando elas saíram, ele abriu os olhos e viu o seu filho agachado

do lado da sua maca e lhe disse:

- Não se preocupe papai. Eles vão cuidar de você.

Ao virar-se para onde o filho apontava, Eduardo viu as pessoas cobertas com os mantos no canto do quarto.